

**VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA  
NA ESCRITA DE ESTUDANTES DAS SÉRIES INICIAIS**

*Geisa Borges da Costa (UFBA)*  
[@geicosta@ig.com.br](mailto:geicosta@ig.com.br)

**RESUMO**

Este trabalho, pautando-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista quantitativa, objetiva investigar os aspectos relacionados ao apagamento do /R/ em coda silábica na escrita de estudantes em início de escolarização. Para uma análise estatisticamente rigorosa, os dados foram submetidos ao pacote de programas computacionais Goldvarb X. Os resultados sinalizaram que o processo de escolarização exerce uma forte influência na recuperação do rótico na língua escrita, pois à medida que os alunos avançam nas séries escolares, os desvios em relação à norma-padrão diminuem sensivelmente.

**Palavras-chave:** Escolarização. Escrita. Rótico.

**ABSTRACT**

This work, focusing on theoretical and methodological assumptions of quantitative Sociolinguistics exhaustion, objectively investigate aspects related to deletion of /R/ in coda in the writing of students in early schooling. For a more rigorous, statistically analysis the data were submitted to the package of computer programs Goldvarb X. the results indicated that the process of education exerts a strong influence on rótico recovery in written language, because as students advance in school series, the deviations from the norm significantly decrease standard.

**Keywords:** Rótico. Schooling. Writing.

**1. Introdução**

Um dos campos em que a teoria da variação lingüística se mostrou bastante fecunda, tal como proposta por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Irving Herzog, em 1968, foi o da fonética. Nesta área de estudos, diversos trabalhos sociolinguísticos têm contemplado o rótico como foco de análise, pelo fato de este oferecer várias possibilidades de variação e realização. Em posição pós-vocálica, são numerosas as pesquisas em diversas regiões do Brasil que demonstram seu total apagamento.

Na linha da sociolinguística variacionista laboviana, destacam-se trabalhos como a tese de doutorado de Dinah Maria Isensee Callou (1979), que marca o início dos estudos acerca deste fonema na fala urba-

na culta. Seguindo esta trilha, vários outros trabalhos enfocaram a realização deste fenômeno linguístico em diferentes estados brasileiros, buscando as correlações estruturais e sociais para descrever e explicar a realização ou a ausência de realização deste fonema em diversos dialetos do português do Brasil.

Dentre estes estudos, podemos citar o trabalho de Dinah Maria I-sensee Callou, João Antônio de Moraes e Yonne de Freitas Leite (1998) sobre o dialeto culto do Rio de Janeiro e, posteriormente, com os dados do Projeto Nurc, focalizando a norma urbana culta de cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo). Em 2002, Valeria Neto de Oliveira Monaretto faz um estudo sobre o comportamento da vibrante pós-vocálica na capital do Rio Grande do Sul observando três amostras de fala coletadas em épocas distintas com o objetivo de verificar se há um caso de variação estável ou se pode-se notar indícios de uma mudança em curso.

Com vistas a estudar o uso da vibrante em coda silábica em posição implosiva nos atlas regionais do Brasil, Claudia de Souza Cunha, Deisiane Rodrigues dos Santos e Tiana Andreza Melo do Nascimento (2006) buscam descrever a pluralidade de variantes por meio das quais a vibrante se manifesta utilizando um *corpus* pertencente a oito atlas representativos de nove estados brasileiros: Amazonas, Bahia, Sergipe, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

As pesquisas de cunho sociolinguístico elencadas acima, que trataram da realização variável do /R/, demonstraram que em posição final de vocábulo, o zero fonético é uma das variantes mais produtivas para o rótico, acontecendo majoritariamente em todas as regiões pesquisadas e sem marca de classe social.

Esta pesquisa, de natureza empírica e eminentemente descritiva, enquadra-se nos princípios teóricos da sociolinguística quantitativa, na medida em que pretende investigar os aspectos linguísticos e extralinguísticos relacionados ao apagamento do rótico em posição de coda final na escrita de estudantes das séries iniciais da cidade de Catu-BA.

Assim, este trabalho persegue os seguintes objetivos:

- a) analisar os níveis de apagamento do rótico na escrita de estudantes das séries iniciais;
- b) apontar os contextos linguísticos que favorecem o apagamento;
- c) investigar as possíveis relações entre o apagamento e fatores sociais;
- d) identificar o grau de interferência da fala na escrita dos estudantes que

participaram da pesquisa.

## **2. Os róticos na área norte-nordeste**

O apagamento do /R/ implosivo em Salvador foi estudado por Josane Moreira de Oliveira (1999) em sua dissertação de mestrado. Nesta pesquisa, a autora utilizou parte do *corpus* do NURC; portanto, os dados utilizados contemplavam a fala de pessoas soteropolitanas com nível universitário. A amostra contou com dezesseis inquéritos do tipo elocução formal e dezesseis inquéritos do tipo diálogo entre dois informantes. Os informantes foram distribuídos pelos dois sexos e por quatro faixas etárias. As variáveis linguísticas consideradas para a análise foram as mesmas utilizadas por Dinah Maria Isensee Callou (1987) no Rio de Janeiro, a fim de que se pudessem comparar os resultados e os contextos que atuam na supressão do /R/ no dialeto carioca e no dialeto soteropolitano.

Assim, as variáveis linguísticas utilizadas foram: posição do segmento no vocábulo, contexto subsequente, sonoridade da consoante seguinte, modo de articulação da consoante seguinte, zona de articulação da consoante seguinte, vogal precedente, tonicidade da sílaba, classe de palavra e carga semântica do segmento. Para as variáveis sociais, foram consideradas faixa etária do informante, sexo do informante e tipo de situação (formal ou informal).

Todas as variáveis foram selecionadas pelo VARBRUL tanto para os inquéritos do tipo mais formal quanto para os inquéritos do tipo mais informal. A variável posição do segmento no vocábulo mostrou-se relevante: em posição final de palavra, o peso relativo é bastante significativo: 0,94 nas elocuições formais e 0,93 no diálogo entre informante e documentador. Em posição medial na sílaba, os pesos relativos apresentaram-se baixos: 0,07 nas elocuições formais e 0,06 nos diálogos informais, o que confirma os resultados da pesquisa de Dinah Maria Isensee Callou (1987).

Quanto ao contexto subsequente, nas elocuições formais, as consoantes alveolares obtiveram peso relativo de 0,61, e, no diálogo entre documentador e informante, estas consoantes também favoreceram a regra de apagamento, inclusive com uma maior expressividade, tendo como peso relativo 0,85 para o /s/ e 0,97 para o /z/, o que mostra ser o estilo informal mais favorável à atuação da regra de apagamento.

A vogal precedente que obteve maior peso relativo para a regra de

apagamento foi a vogal posterior /u/ tanto na situação formal quanto na situação informal. Em relação à tonicidade da sílaba, nos dois tipos de texto, pretônica foi a sílaba que mais favoreceu o apagamento do /R/, havendo sempre um aumento da aplicação da regra de apagamento no diálogo entre documentador e informante, ou seja, em situações mais informais. As classes de palavras que se revelaram atuantes na regra de supressão foram: numeral, conjunção, verbo e preposição, nas elocuições formais, e conjunção, verbo e preposição, nos diálogos informais.

Quanto às variáveis sociais, a autora observa que parece não haver muita influência do fator sexo no processo de apagamento do /R/ implorativo na fala culta de Salvador, já que os pesos relativos da pesquisa apontam 0,52 de aplicação da regra para os homens e 0,46 para as mulheres. Com relação à faixa etária, considerando a análise em tempo aparente, os dados revelam que o apagamento da implorativa é mais expressivo entre os mais jovens (25-34 anos), decrescendo esta ocorrência na faixa etária mais alta (+ 55 anos), ou seja, enquanto as faixas iniciais favorecem a aplicação da regra, as faixas mais avançadas a inibem, o que é considerado pela autora uma mudança em progresso.

Os resultados obtidos por Josane Moreira de Oliveira revelam que prevalece a manutenção do /R/ em posição de coda na fala culta de Salvador e, embora seja majoritariamente realizado como uma constrictiva velar, pode ainda se realizar como faríngeo, uvular ou até como vibrante simples. Quanto à aplicação da regra de apagamento, ela atua inicialmente em posição final de vocábulo para só depois se estender à posição interna.

O apagamento dos róticos em coda silábica também está entre os fatos fônicos estudados em inquéritos experimentais do ALiB pelos pesquisadores da Universidade Federal da Bahia. Jacyra Mota e Lorena Souza (2009) analisaram o apagamento do /R/ em coda silábica em posição final e medial de vocábulo com base em inquéritos experimentais do ALiB realizados em Salvador entre os anos de 1999 e 2005.

Os dados analisados foram extraídos de dezesseis inquéritos experimentais, distribuídos, de acordo com a metodologia do ALiB, por duas faixas etárias – uma mais jovem, de 18 a 30 anos, e uma mais velha, de 50 a 65 anos – pelos dois sexos e por dois graus de escolaridade – um deles referente ao nível fundamental incompleto e o outro, ao nível universitário. Nesses inquéritos, foram registradas 1.569 ocorrências de apagamento do /R/ em coda silábica, 953 em posição final de vocábulo e 616

em final de sílaba interna. Essas ocorrências foram documentadas nas respostas aos questionários fonético-fonológicos e morfossintáticos e no decorrer do discurso livre, ao final do inquérito, quando o informante é instado a falar sobre temas relacionados à sua própria vida.

Com relação aos fatores linguísticos que favoreceram o apagamento em coda silábica, foram testados os seguintes: dimensão do vocábulo, tonicidade da sílaba em que ocorre a consoante, natureza da vogal antecedente, modo, ponto de articulação e vozeamento do segmento subsequente, contexto intervocabular, classe morfológica, grau de formalidade do discurso. Os fatores sociais selecionados na pesquisa foram: escolaridade, sexo e faixa etária.

Os dois contextos (posição interna e externa no vocábulo) foram analisados separadamente, observando-se uma incidência maior de apagamento do segmento em posição final de vocábulo (89,82%), enquanto que, em posição final de sílaba interna, registraram-se apenas 9,58% de ocorrências do apagamento.

Em sílaba interna, foram selecionados dois grupos de fatores: um contextual e outro social. Os fatores contextuais analisados foram ponto, modo de articulação e sonoridade do segmento subsequente, que foram considerados conjuntamente, e os fatores sociais foram faixa etária, sexo e grau de escolaridade do informante, que também foram reunidos em um único grupo de fatores.

Quanto aos fatores linguísticos, foram selecionados como contextos favorecedores do apagamento, em posição medial, os segmentos fricativos /v, z, s/ iniciais da sílaba seguinte que apresentaram os pesos relativos 0,97, 0,94 e 0,89, respectivamente.

O grupo de fatores sociais demonstrou que o grau de escolaridade do informante tem atuação significativa para o cancelamento do segmento, já que os indivíduos que cursaram apenas o nível fundamental de ensino apagam muito mais a consoante em final de sílaba interna do que os de nível universitário, registrando-se pesos relativos mais elevados para os falantes do primeiro grupo.

O apagamento do /R/ em posição final de vocábulo é favorecido pela dimensão da palavra, classe morfológica do vocábulo e o contexto intervocabular. Quanto à dimensão do vocábulo, há maior frequência de apagamento em palavras mais extensas, registrando-se 96% de supressão do /R/ em palavras trissilábicas e 92% em vocábulos com mais de três sí-

labas. Em relação à classe morfológica do vocábulo, verifica-se que há maior incidência de apagamento em verbos do que em outras classes morfológicas consideradas conjuntamente, registrando-se pesos relativos de 0,54 para verbos e 0,38 para não verbos. Outro dado é que quando ao vocábulo terminado em /R/ segue-se um outro vocábulo, a presença da vogal inicial da palavra seguinte favorece o apagamento.

Em relação aos fatores sociais, a pesquisa demonstrou que, em final de vocábulo, a frequência de apagamento é bastante elevada, tanto em informantes do nível fundamental quanto nos de nível universitário, o que indica o caráter não estigmatizante desta variante.

As autoras concluem afirmando que, esses dados, confrontados com os de Dinah Maria Isensee Callou, Yonne de Freitas Leite e João Antônio de Moraes (1998) a partir de registros realizados em Salvador, na década de 1970, para a constituição do *corpus* do projeto NURC, confirmam os fatores linguísticos favorecedores do processo de enfraquecimento dos róticos em posição final de sílaba e, apesar das diferenças quanto ao número e ao perfil dos informantes do projeto NURC e do Projeto ALiB, os dados parecem indicar um aumento do percentual de ocorrência de apagamento, que passa de 2% a 9,5% em posição medial de vocábulo, e de 62% a quase 90% em posição final diante de pausa, evidenciando a continuidade do processo de enfraquecimento dessa consoante e a mudança em direção à sílaba aberta do tipo CV (consoante vogal), fato que se registra também, no português brasileiro, em relação a outras consoantes em coda silábica.

Um estudo importante sobre o fenômeno da realização do /R/ em final de vocábulo na Região Norte foi realizado por Marilúcia Barros de Oliveira (2001), que analisou este fato linguístico à luz da sociolinguística quantitativa variacionista na fala de 35 indivíduos da cidade de Itaituba, no Pará. As variáveis linguísticas selecionadas para esse trabalho foram: dimensão e tonicidade do vocábulo, classe de palavra, vogal precedente, contexto seguinte (vogal, consoante e pausa), ponto de articulação da consoante seguinte, vogal seguinte e modo de articulação da consoante seguinte. As variáveis sociais consideradas para este estudo foram: sexo, escolaridade, idade e renda.

No estudo apresentado por Marilúcia Barros de Oliveira, o grupo de fatores classe de palavra foi o primeiro a ser selecionado. Nesse grupo, foi no verbo que se encontrou mais apagamento e, na preposição, verificou-se menos a aplicação da regra de apagamento. A variável dimen-

são do vocábulo apresentou resultados que confirmam o que diz a literatura da área, pois os monossílabos tônicos inibiram mais a regra de apagamento. Os monossílabos átonos favoreceram a manutenção, e os polissílabos, o apagamento. Quanto ao modo da articulação da consoante seguinte, os resultados mostraram-se opostos às hipóteses iniciais da autora, já que, contrariamente ao que se pensava, as fricativas inibiram a regra de apagamento. Os grupos de fatores ponto de articulação da consoante seguinte, vogal seguinte e contexto seguinte não foram selecionados pelo Varbrul. As quatro variáveis sociais selecionadas nesse trabalho apresentaram relevância para o estudo do fenômeno. O maior de grau de escolaridade favorece a manutenção do /R/. No grupo de fatores *idade*, apenas a segunda faixa etária favoreceu a aplicação da regra. Os mais velhos apagam menos. Na primeira faixa etária, maior escolaridade inibiu o apagamento, e, nas outras duas faixas, são os falantes de 1º grau que mais apagam o fonema. Em relação à variável sexo, as mulheres inibiram o apagamento e os homens o favoreceram, mas não se verificou entre eles diferença relevante. As mulheres cuja idade está compreendida entre 26-45 anos favorecem significativamente o apagamento. Nas mulheres, a escolaridade favorece um padrão linear: à medida que cresce a escolaridade, diminui o apagamento; entre os homens, verifica-se um padrão curvilíneo no qual os homens de 1º grau favorecem significativamente a regra de apagamento. Homens e mulheres de 2º grau inibem de igual modo a regra de apagamento. Os falantes de renda média favorecem o apagamento, enquanto os de baixa renda o inibem; porém, não se encontra entre seus resultados muita discrepância.

A autora faz sua análise considerando que o apagamento do /R/ final de vocábulo altera a estrutura silábica, tanto por meio de sua reestruturação quanto por meio de sua simplificação. É condicionado por fatores linguísticos e sociais; não é específico de uma classe social desfavorecida nem se encontra apenas na fala dos menos escolarizados.

### **3. Metodologia**

Para o desenvolvimento deste trabalho, tomamos por base o modelo teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa. A pesquisa foi realizada com dezoito estudantes do terceiro ao quarto ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Catu-BA, todos nascidos e residentes nesta cidade, filhos de pais que estudaram no máximo até o ensino fundamental.

Foram testados 03 meninos e 03 meninas, numa faixa etária média entre oito e treze anos que tivessem estudado sempre em escola pública. A fim de observar o apagamento do rótico na escrita em posição final de palavra, elaborou-se previamente um instrumento contendo diferentes tipos de testes, a partir de palavras que contemplavam o fonema /R/ em diversos contextos de variação.

Para uma análise estatisticamente mais rigorosa, os dados levantados foram codificados e submetidos ao pacote de programas GOLD-VARB X, que, a partir de frequências totais de ocorrências dos dados linguísticos, seleciona os fatores mais importantes que determinam a ocorrência de uma variante. Assim, os resultados estatísticos do programa computacional dão um suporte matemático às conclusões a que se pode chegar sobre as variáveis linguísticas e sociais controladas na pesquisa.

#### **4. Análise dos dados**

Os grupos de fatores selecionados pelo programa como favorecedores do apagamento do /R/ em posição final de vocábulo, por ordem de seleção, foram: 1) escolaridade; 2) gênero; 3) extensão da palavra; 4) contexto precedente.

Os resultados serão apresentados de acordo com a ordem de seleção feita pelo programa.

##### **4.1. Variável escolaridade**

O primeiro grupo eleito, a escolaridade, mostrou, como já era esperado, mais aplicação da regra de apagamento para os estudantes que apresentavam menor grau de escolaridade, conforme os números da tabela abaixo:

Série	Aplicação/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
Terceiro ano	207/216	<b>95%</b>	<b>0,95</b>
Quarto ano	125/356	35%	0,26
Quinto ano	385/150	38%	0,30

Tabela 1: Apagamento do /R/ final em verbos segundo a escolaridade. Significância: 0,003.



Série	Aplicação/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
Terceiro	111/175	<b>63%</b>	<b>0,77</b>
Quarto	40/192	20%	0,35
Quinto	45/205	21%	0,37

Tabela 2: Apagamento do /R/ em final de nomes segundo a escolaridade. Significância: 0,045.

Os números das tabelas demonstram que, à medida que os alunos avançam nas séries escolares, tendem a diminuir o apagamento do /R/ final na escrita. Não houve praticamente nenhuma diferença de desempenho entre os informantes do quarto e do quinto ano. Os pesos relativos para esses fatores são praticamente idênticos: 0,26 e 0,30 para o /R/ em final de verbos e 0,35 e 0,37 para a supressão do /R/ em final de nomes. Parece que a diferença está mesmo entre esses dois grupos e os informantes do terceiro ano, cujos pesos relativos do apagamento tanto em final de verbos quanto em final de nomes são bastante altos: 0,95 e 0,77, respectivamente. O segmento /R/ em final de verbos foi praticamente bloqueado pelos alunos do terceiro ano, o que nos leva a considerar que este fato pode ser também um problema de alfabetização, já que, no contexto das escolas públicas do município, boa parte dos alunos ainda está sendo alfabetizada nessa série escolar.

O convívio com as práticas escolares parece influenciar no índice de recuperação dessa variável. Quanto mais tempo o indivíduo frequentou a escola e teve mais contato com a escrita, mais ele representa graficamente a variante /R/, reconhecendo, portanto, a presença desse elemento ao final do vocábulo.

#### 4.2. Variável gênero do informante

O segundo grupo eleito, o gênero, confirma a hipótese de que as meninas recuperariam mais o /R/ na escrita, sendo mais sensíveis à norma-padrão. Os números mostram que o apagamento do segmento ocorre de maneira bem mais significativa entre os alunos do sexo masculino, confirmando os resultados de outros estudos que demonstram que as mulheres costumam privilegiar formas linguísticas de maior prestígio.

Gênero	Aplicação/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
Masculino	287/468	<b>61%</b>	<b>0,65</b>
Feminino	489/195	39%	0,35

Tabela 3: Apagamento do /R/ final em verbos segundo o gênero do informante. Significância: 0,003.

Gênero	Aplicação/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
Masculino	124/277	<b>44%</b>	<b>0,64</b>
Feminino	72/295	24%	0,36

Tabela 4: Apagamento do /R/ final em nomes segundo o gênero do informante. Significância: 0,045.

Observando-se os pesos relativos para os dois gêneros, pode-se verificar que os meninos utilizam mais a regra de apagamento do que as meninas. Portanto, o fator gênero apresentou-se de forma relevante no *corpus*, uma vez que as meninas destacaram-se bastante, apresentando uma recuperação significativa do segmento variável na escrita, ratificando uma tendência demonstrada por outros estudos variacionistas, inclusive os de Maria Tasca (2002) e Maria Cecília de Magalhães Mollica (2003), que consideram o sexo masculino mais distante das formas linguísticas tradicionalmente prescritas.

#### 4.3. Variável extensão da palavra

Este foi o penúltimo grupo selecionado pelo programa. Vejam-se os pesos relativos referentes a cada um dos fatores que o compõem.

Extensão da palavra	Aplicação/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
Monossílabo	10/50	20%	0,19
Dissílabo	151/349	43%	0,41
Trissílabo	218/364	<b>59%</b>	<b>0,57</b>
Polissílabo	103/194	<b>53%</b>	<b>0,59</b>

Tabela 5: Apagamento do /R/ final em verbos segundo a extensão da palavra. Significância: 0,003.

Extensão da palavra	Aplicação/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
Monossílabo	11/123	8%	0,14
Dissílabo	53/155	34%	0,46
Trissílabo	67/140	<b>47%</b>	<b>0,71</b>
Polissílabo	65/154	<b>42%</b>	<b>0,66</b>

Tabela 6: Apagamento do /R/ final em nomes segundo a extensão da palavra. Significância: 0,045.

A nossa hipótese, baseada em outros trabalhos sobre o apagamento do rótico, era a de que o apagamento seria mais recorrente nos vocábulos de maior dimensão, o que foi confirmado, como se pode observar nas tabelas acima, em que os trissílabos e polissílabos favorecem a aplicação da regra de supressão do rótico tanto para os verbos quanto para os nomes, com um percentual significativo de apagamento. Já nos vocábulos constituídos apenas por uma sílaba, houve uma regra contrária, atuando

no sentido da preservação do segmento /R/ no final das palavras, independente-mente da classe gramatical, como é possível notar nos pesos relativos baixos para a supressão do segmento em final de verbos e nomes: 0,19 e 0,14, respectivamente.

#### 4.4. Variável contexto precedente

O último grupo selecionado pelo programa como favorecedor do processo de apagamento do /R/ final na escrita foi a vogal que antecede o segmento em foco, das quais a anterior alta /i/ demonstra forte probabilidade de levar ao cancelamento do /R/ em final de verbos, com um peso relativo de 0,64. Já para os nomes foram as vogais médias anteriores que favoreceram o apagamento, com um peso relativo de 0,69.

Contexto precedente	Aplicação/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
a	372/695	53%	0,53
e	94/225	41%	0,37
i	16/34	<b>47%</b>	<b>0,64</b>

Tabela 7: Apagamento do /R/ final em verbos segundo o contexto precedente<sup>50</sup>.  
Significância: 0,003.

Contexto precedente	Aplicação/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
a	40/141	28%	0,57
e/É	42/79	<b>53%</b>	<b>0,69</b>
o/Ó	114/352	32%	0,42

Tabela 8: Apagamento do /R/ final em nomes segundo o contexto precedente.  
Significância: 0,045.

Segundo Maria Cecília de Magalhães Mollica (2003), é importante levar em consideração a influência da vogal precedente, já apontada como marcante nos estudos sobre a fala e, junto com a variável categoria gramatical da palavra, constituindo-se também num parâmetro relevante para o processo da apropriação da escrita. Segundo a autora, as vogais *a*, *i* e *u*, antecedentes ao segmento /R/ que deve ser recuperado na escrita, deverão ser os principais ambientes a ser primeiramente trabalhados com o aprendiz na fase inicial da escrita.

---

<sup>50</sup> Por se tratar do ambiente linguístico que antecede o rótico nos verbos, foram consideradas as vogais pertencentes à primeira, segunda e terceira conjugação.

Klebson Oliveira (2008), analisando fenômenos fônicos em documentos redigidos por africanos e afrodescendentes de uma irmandade negra do século XIX em Salvador, considera que há uma maior incidência de apagamento do /R/ em verbos de primeira conjugação pelo fato de estes também serem mais produtivos na língua portuguesa.

Dinah Maria Isensee Callou, João Antônio de Moraes e Yonne de Freitas Leite (2002) assinalam que, em posição final, as vogais favorecedoras do apagamento são as vogais não arredondadas, ao passo que as arredondadas inibiriam o processo.

Em estudo realizado por Claudia de Souza Cunha, Deisiane Rodrigues dos Santos e Tiana Andreza Melo do Nascimento (2006), as autoras destacam que dentre as possibilidades de vogais precedentes, a que se revelou como maior favorecedora do cancelamento do /R/ foi a vogal alta anterior não arredondada [i]. Para as autoras, os resultados obtidos confirmam uma tendência geral no português do Brasil quanto ao comportamento das vogais [+ arredondadas] e [- arredondadas], sendo estas últimas mais favorecedoras à eliminação do /R/.

Nos dados da escrita dos estudantes que participaram desta pesquisa, os resultados confirmam, portanto, uma tendência observada na fala de que os maiores pesos relativos referentes ao apagamento do /R/ em final de palavra recaíram sobre as vogais não arredondadas /i/ e /e/, a primeira para o /R/ em final de verbos e a segunda para este segmento em final de nomes com um peso relativo de 0,64 e 0,69, respectivamente.

Para melhor definir os resultados referentes às variáveis linguísticas, foi feita uma nova rodada utilizando a variável grau de familiaridade com a palavra e os fatores sociais selecionados pelo programa. O GOLDVARB selecionou esse fator linguístico como importante para o apagamento do /R/ tanto em final de verbos quanto em final de nomes, como se pode verificar nas tabelas abaixo:

Familiaridade	Aplicação/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
+ familiar	237/518	45%	0,45
- familiar	245/439	<b>55%</b>	<b>0,54</b>

Tabela 9: Apagamento do /R/ em final de verbos segundo o grau de familiaridade com a palavra.

Significância: 0,003.

Familiaridade	Aplicação/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
+ familiar	67/284	23%	0,40
- familiar	129/288	<b>44%</b>	<b>0,59</b>

Tabela 10: Apagamento do /R/ em final de nomes segundo o grau de familiaridade com a palavra.

Significância: 0,045.

O grupo de fatores grau de familiaridade com a palavra teve um peso significativo no resultado dos dados, havendo uma diferença considerável entre a grafia de palavras consideradas mais familiares na escrita dos alunos e a grafia de palavras menos usuais na escrita dos mesmos. Estas últimas favoreceram a regra de cancelamento do segmento /R/ com um peso relativo de 0,54 para os verbos e 0,59 para os nomes.

### 5. *Considerações finais*

O estudo aqui apresentado mostrou que o apagamento do rótico em coda silábica, observado na escrita das séries iniciais, é condicionado tanto por fatores estruturais quanto por fatores sociais.

Do ponto de vista estrutural e discursivo, os resultados revelaram que, no que diz respeito ao cancelamento do /R/ em final de vocábulo, alguns fatores linguísticos como a extensão da palavra, o contexto antecedente e o grau de familiaridade com o vocábulo exerceram papel decisivo.

Os fatores sociais observados no estudo também tiveram um peso significativo no favorecimento da regra de apagamento do rótico na coda final da sílaba. O fator escolaridade mostrou a discrepância entre os alunos da segunda e os da terceira e da quarta, ocorrendo uma grande redução do apagamento do rótico na passagem da segunda para a terceira série.

Com relação ao fator gênero, a pesquisa confirmou a expectativa inicial, pois as meninas utilizaram menos a regra de apagamento, o que corrobora também com outros trabalhos produzidos na linha da sociolinguística quantitativa.

Os resultados do trabalho demonstram que à medida que os alunos avançam na escolarização, os desvios em relação à língua padrão, na escrita, diminuem sensivelmente e os alunos, pressionados pela cobrança escolar, acabam adquirindo o dialeto exigido pela escola, pelo menos nas práticas de escrita monitorada.

Considerando-se que o apagamento do rótico em posição final de vocábulo é categórico na fala dos estudantes e na escrita já se conseguiu obter 50% de manutenção para o final dos verbos e 66% para o final dos nomes, pode-se afirmar que a escola tem conseguido uma margem significativa de sucesso na recuperação do segmento.

Levando em conta que o acesso da maioria dos alunos oriundos de escolas públicas à cultura escrita acontece primordialmente na e através da escola, é importante ressaltar o papel que a mesma tem exercido na aquisição do padrão escrito da língua pelos estudantes.

De acordo com os percentuais gerais apresentados no trabalho, as formas padrão das palavras que continham o rótico em posição final superaram, na escrita dos alunos, as ocorrências das formas não-padrão. Este fato pode ser considerado uma indicação clara da influência dos padrões linguísticos escolares, já que este segmento não é pronunciado pelos aprendizes, pelo menos no que se refere à posição final de vocábulo.

Nota-se, dessa forma, a forte influência da escola no que tange à aquisição do dialeto padrão, nas situações marcadas pelas práticas da língua escrita, que exige um registro bastante diferenciado daquele em que ocorre a fala coloquial, pois os percentuais de ocorrências das formas não-padrão caem sensivelmente conforme aumenta a escolarização do aluno.

Embora a escola tenha atuado positivamente na escrita dos alunos no que tange ao domínio de certos aspectos da língua prestigiada, deve-se pontuar aqui a importância de o professor das séries iniciais ter uma formação linguística sólida e conhecer as pesquisas que tratam da heterogeneidade encontrada na língua escrita, a fim de que o processo de aprendizagem desta modalidade aconteça de forma menos traumática e mais sistemática.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLOU, Dinah Maria Isensee. *Varição e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. 1987. Tese (doutorado em linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_; MORAES, João Antônio de; LEITE, Yonne de Freitas. Apagamento do /R/ final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *D.E.L.T.A.* vol. 14, p. 61-72, 1998.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

MONARETTO, Valeria Neto de Oliveira. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002. p. 253-68

MOTA, Jacyra; SOUZA, Lorena. Estudo de fatos fônicos em inquéritos experimentais do ALiB: o apagamento dos róticos em coda silábica. In: GÄRTNER, Eberhard; SCHÖNBERGER, Axel. (Eds). *Estudos sobre o português brasileiro*. FrancofurtiMoenani: Valentia, 2009.

NASCIMENTO, Tiana Andreza Melo do; SANTOS, Deisiane Rodrigues; CUNHA, Claudia de Souza. A vibrante em coda silábica nos atlas regionais do Brasil. In: CUNHA, Claudia de Souza. (Org.). *Estudos geossociolinguísticos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O apagamento do /R/ implosivo na norma culta de Salvador*. Dissertação de mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1999.

OLIVEIRA, Klebson. Rotacismos e outras rotas: fenômenos com as consoantes líquidas em textos do Brasil oitocentista. In: *Estudos linguísticos e literários, Programa de pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia*, n. 37-8, Salvador, jan-dez, 2008, p. 227-70.

OLIVEIRA, Marilúcia Barros de. *Manutenção e apagamento do /R/ final de vocábulo na fala de Itaituba*. Dissertação de mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará, 2001.

TASCA, Maria. *Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais: o papel de fatores linguísticos e sociais*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin Irving. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].